

*Cristiano das Neves Bodart***Contextualizando**

As coisas percebidas por nossos sentidos podem ser recepcionadas com estranheza ou familiaridade. Imaginemos duas situações hipotéticas que nos ajudam a entender essas formas de recepção. Na primeira, ao adentrar na sala de estar de sua casa, você vê seu irmão de 13 anos olhando fixamente para a tela do computador e com um controle de videogame nas mãos. Na segunda, sua avó, de 78 anos, é vista na mesma situação. O segundo caso lhe suscitará dúvidas sobre o que sua avó está fazendo e o porquê. Já no primeiro caso não haverá dúvidas do que está acontecendo; possivelmente a situação seria tão “natural” que nem seria percebida. Note que situações e coisas que nos são estranhas provocam questionamentos e nos induzem a melhor observar os fenômenos ou as coisas.

Os antropólogos fazem um esforço de olhar para as ações humanas e seus resultados com estranheza, chamando essa atitude de “estranhamento”. Essa prática os possibilita empreender maiores reflexões sobre seus objetos de estudo. Trata-se de um conceito que ajuda a entender o outro e sua cultura. Assim, é sobre o conceito de estranhamento que trataremos neste capítulo.

**Conceituando**

Estranhamento, no sentido usado pelos cientistas sociais (antropólogos, sociólogos e cientistas políticos), é uma atitude de pensamento diante do objeto<sup>13</sup> de conhecimento. Trata-se de um esforço de desfamiliarizar o que nos é familiar, tornando-o exótico, já que muitos fenômenos estão petrificados e “naturalizados” em nossas consciências, não nos levando a fazer perguntas que ampliem substancialmente nosso conhecimento (DAMATTA, 1978). Perguntamos “que horas são”, mas raramente “o que é o tempo” ou “por que contamos o tempo em horas”. Já ouviu a expressão “estar no automático”? Pois é, na maioria das vezes vivemos no automático e vamos fazendo as coisas ou as conhecendo sem grandes reflexões ou questionamentos. Os cientistas sociais devem aprender a pensar fora do “automático”, pois suas tarefas são justamente produzir perguntas e respondê-las, ainda que sobre questões aparentemente triviais. Assim, estranhamento é uma atitude que visa a ampliação da compreensão do que já é, em alguma medida, conhecido, alargando a visão de horizontes interpretativos. Para Damatta (1978, p. 30), “a transformação do familiar em estranho é realizada fundamentalmente por meio de apreensões cognitivas [...]. É necessário um desligamento emocional, já que a familiaridade do costume não foi obtida via intelecto, mas via coerção socializadora”.

Trata-se de um recurso metodológico muito usado pelos antropólogos para se distanciar das regras sociais, da visão de mundo estabelecida, a fim de provocar dúvidas e questionamentos nos estudos culturais. Contudo, o estranhamento é uma atitude fundamental para todas as Ciências e para a Filosofia, já que “Não há ciência sem estra-

<sup>13</sup> Todas as ciências possuem seus objetos particulares de estudos (alguns compartilhados com mais de uma ciência). Objetos de estudos são as coisas ou os fenômenos que são estudados. No caso dos cientistas sociais, seus objetos são os fenômenos sociais.

nhamento; o questionamento das impressões primeiras, das aparências, é uma atitude científica e não apenas do pensar sociológico” (BODART, 2021, p. 144).



## Conceito em movimento

O estranhamento (*ostraniene*) como um conceito aparece pela primeira vez em estudos ligados à literatura e à arte, mais especificamente na obra intitulada *Iskusstvo kak priem* (*A arte como processo*), de Viktor Chklovski, de 1917 (BODART, 2021). Estava associado à atitude de olhar e enxergar para além da aparência imediata, o que seria provocado pela literatura e pela arte.

Assim, “A ideia de estranhamento tem sua origem em múltiplos campos do conhecimento e essa diversidade, por sua vez, impregna-a de significados divergentes, quando não completamente opostos” (RABELLO, 2004, p. 3). Na interpretação marxista, por exemplo, o fenômeno da estranheza (*Fremdheit*) é compreendido sob uma perspectiva diferente desta que apresentamos, sendo relacionada ao conceito de alienação (*Entfremdung*) e ao fato de o(a) trabalhador(a) não se ver relacionado(a) ao produto que produz, estando em situação de estranhamento, distante e não pertencente a ele(a). Trata-se, aqui, de obstáculos que os próprios homens e as mulheres criam ao seu processo de autoconstrução (LOPES, 2006). Em geral, essa abordagem é utilizada quando são estudadas as relações entre produtores, produtos e capitalismo.

O conceito de estranhamento pode ser visto na prática etnográfica, ou seja, nas pesquisas de campo da Antropologia que buscam descrever aspectos da cultura de grupos sociais. Foi justamente na Antropologia que o conceito ganhou notoriedade no campo científico.

O estranhamento foi tema de poema de Bertolt Brecht (1898-1956), *A exceção e a regra* (1990), escrito em 1930, no qual assim registrou:

Estranhem o que não for estranho.  
Tomem por inexplicável o habitual.  
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.  
Tratem de achar um remédio para o abuso  
Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.  
[...]  
Façam sempre perguntas  
Caso seja necessário  
Comecem por aquilo que é mais comum  
[...]  
Para que nada seja considerável imutável  
Nada, absolutamente nada  
Nunca digam: isso é natural

Brecht não toma o estranhamento como uma atitude exclusiva dos cientistas sociais, mas recomenda que seja uma prática de todas as pessoas, o que corrobora para sua popularização. Por meio do ensino de Sociologia, o conceito vem sendo apresentado aos(as) estudantes, o que também tem contribuído para popularizar a prática. Inclusive, o conceito já aparecia, em 2006, nas orientações curriculares para o ensino de Sociologia como um princípio epistemológico que deve estar presente nas aulas dessa disciplina:

O movimento do estranhamento é o ato de estranhar no sentido de se admirar, de se espantar diante de algo que não se tem conhecimento ou costume; pode se alcançar o ‘estranho’ ao perceber algo ou alguém de forma diferente do que se conhece, ao assombrar-se em função do desconhecimento de certos fatores, ao se sentir incomodado diante de um fato novo ou de uma nova realidade, ao não se conformar com algo ou com a situação em que se vive; ao não se acomodar (MORAES; GUIMARÃES, 2010, p. 46).

O conceito que inicialmente estava restrito ao uso dos cientistas sociais é apontado como uma prática a ser promovida na escola e fora dela, o que ocorre pelo reconhecimento de seu potencial como estratégia de aprendizagem e não apenas de pesquisa. Estranhar é, sobretudo, um ato político diante de um mundo onde tudo é hierarquizado, classificado, selecionado e avaliado a partir de arbitrários estabelecidos, geralmente por

grupos sociais mais influentes e com maior capacidade de exercer o poder político, econômico, religioso e cultural.



## Conceito e seus usos

O que vemos e encontramos em nosso cotidiano quase sempre nos é familiar, mas não necessariamente conhecido (VELHO, 1978). Se diante das experiências cotidianas não nos espantamos, nos assombramos e não realizamos indagações, continuaremos a desconhecer muitas coisas. Vale enfatizar que debaixo de uma impressão de familiaridade há muitos aspectos do observado que não conhecemos.

Dizia o antropólogo Gilberto Velho (1945-2012) que “[...] o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente e mesmo emocionalmente diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, das situações” (VELHO, 1978, p. 131).

A ação de estranhamento não é uma prática exclusiva dos cientistas sociais. Ela pode ser praticada por todos. Na verdade, como apontamos no início deste capítulo, o estranhamento é uma prática presente em nossas experiências cotidianas; precisamos torná-lo recorrente e consciente, o que ajudará a ampliar nossos conhecimentos e questionar aspectos presentes no mundo social que não contribuem para uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. Nesse sentido, a atitude de estranhamento, como utilizada pelos cientistas sociais, nos possibilita pensar questões antes não pensadas, o que expande nossos horizontes e nos torna agentes sociais críticos. É útil saber que horas são, mas também o é, por exemplo, compreender a noção de tempo, qual a necessidade de fragmentá-lo em horas, como essas horas influenciam em nossas rotinas, quais os interesses envolvidos em sua existência, como somos levados a “gastar” nosso tempo etc.

O poema *Nada é impossível de mudar*, de Bertholt Brecht, aponta para a importância do estranhamento, de desconfiar do trivial. Assim registrou:

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente: não aceiteis  
o que é de hábito como coisa natural,  
pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada,  
de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural  
nada deve parecer impossível de mudar.

O estranhamento é importante para desconfiar do que historicamente foi tomado como normal. Podemos citar expressões que eram usadas de forma recorrente e que auxiliavam na reprodução do racismo, tais como “ele é um negro de alma branca”, “seu cabelo é ruim”, “não quero ser denegrado”, entre outras frases. Hoje essas frases vêm sendo combatidas, justamente porque passamos a estranhá-las e a uma conseqüente análise de seus sentidos e origens, compreendendo tratar-se de expressões racistas, preconceituosas e depreciativas.

No trajeto de sua casa até a escola, experimente olhar a cidade como um turista que busca, procura e quer ver o que está para além da aparência primeira ou como se estivesse pela primeira vez diante de seus sentidos. Certamente isso lhe trará curiosidades e inquietações antes não sentidas, abrindo espaço para alcançar novos conhecimentos. A busca por uma atitude de estranhamento nos afasta da alienação e da mera reprodução de “visões de mundo naturalizadas”, aquelas que são entendidas como sempre existentes, como

resultados de processos quase naturais, o que dificulta uma leitura crítica de mundo e nos faz reproduzir práticas que devem ser questionadas.



## Referências

BODART, Cristiano das Neves. O ensino de Sociologia para além do estranhamento e da desnaturalização: por uma percepção figuracional da realidade social. *Latitude*. v. 15. Edição especial. 2021.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter Anthropological Blues. *Boletim do Museu Nacional*. Nova Série, Rio de Janeiro – Antropologia, n. 27, p. 1-12, 1978.

LOPES, Fátima Maria Nobre. *Lukács: estranhamento, ética e formação humana*. 2006. 177f. Tese (doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. 2006.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de ensino de Ciências Sociais: relando

as OCEM-Sociologia. In: MORAES, Amaury Cesar (Org.). *Sociologia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação Básica, 2010 (Coleção Explorando o ensino). p. 45-62.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Oliveira, Edson (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BRECHT, Bertolt. A exceção e a regra. In: Teatro completo Vol. IV, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (12 volumes). p. 129-160.

BRECHT, Bertolt. Nada é impossível de mudar. In: *Antologia poética*. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.



## Dicas de leitura

BODART, Cristiano das Neves. O ensino de Sociologia e a importância de desnaturalizar a naturalização. *Blog Café com Sociologia*, 2021.

BODART, Cristiano das Neves. Onacirema: ritos corporais entre os nativos. [Adaptação do texto “Ritos corporais entre Onaciremas”, de Mine R. Holace]. *Blog Café com Sociologia*. 2013.



## Dica de Podcast

Episódio “O tal do estranhamento”. *Mundaréu*: um podcast de Antropologia. Série mundo na sala de aula. Disponível em: [https://mundareu.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/08/transcricao\\_ep3.pdf](https://mundareu.labjor.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/08/transcricao_ep3.pdf)

Expediente: Apresentação: Melissa Bevilaqua e Ana Noronha. Produção: Melissa Bevilaqua, Ana Noronha e Soraya Fleischer



## Dica de atividade

Inspirado no texto “Onacirema: ritos corporais entre os nativos”<sup>14</sup>, ou no texto original “Ritos corporais entre Onaciremas”<sup>15</sup>:

- Produza um texto descrevendo com estranhamento uma prática social, de modo a transformar o trivial em algo a ser refletido e problematizado;
- Elabore uma lista de questões indicando o seu estranhamento realizado ao produzir o texto.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/onacirema-adaptado-de-ritos-corporais/>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/wp-content/uploads/2021/11/Ritos.pdf>